

Pronomes resumptivos e identidade temática em sentenças possessivas

Juanito Avelar

Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas
juanitoavelar@uol.com.br

Resumo. À luz da Morfologia Distribuída, relaciono o bloqueio de formas pronominais em sentenças possessivas a requerimentos impostos sobre certas configurações sintáticas, para fins de interpretação semântica, pelo componente conceptual da linguagem.

Palavras-chave. constituintes nominais possessivos, verbo possessivo, pronomes

Abstract. Adopting Distributed Morphology framework, I show correlations between the occurrence of pronominal forms in *ter*-sentences and requirements imposed by language conceptual component on semantic interpretation of specific syntactic configurations.

Keywords. possessive nominal constituents, possessive verb, pronouns

1. Considerações gerais

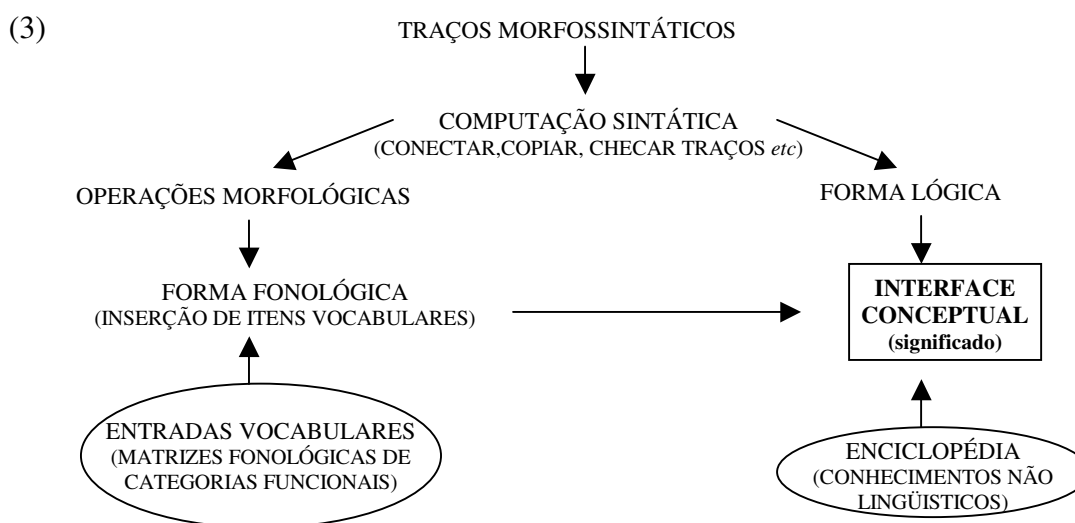
Neste trabalho, analiso o licenciamento da forma *dele/dela* em sentenças com *ter*-possessivo, argumentando que o estranhamento em (1a)-(2a) a seguir, com a inserção do pronome, se deve a requerimentos do componente conceptual da linguagem, aplicados sobre a interpretação de configurações fornecidas pela sintaxe.

- (1) a. A Ana tinha dois namorados (#dela).
b. A Ana tinha dois namorados (dela) morando na Europa.
- (2) a. O Dr. Pedro tem muitos pacientes (#dele).
b. O Dr. Pedro tem muitos pacientes (dele) com gripe.

O quadro adotado é o da Morfologia Distribuída (MD), nos termos de Halle & Marantz (1993) e Harley & Noyer (2003), bem como o modelo de *Bare Phrase Structure* (Chomsky 1995), para a formação de objetos sintáticos. Dentro da MD, não existem exigências temáticas, lexicalmente determinadas, a serem satisfeitas no componente sintático. Também não deve haver matriz fonológica, ao longo da computação sintática, para categorias funcionais, que apenas terão seus traços substituídos por material fonético no caminho para o componente fonológico. Assim, uma vez que trato *ter* como um item funcional, assumo que sua matriz fonológica é inserida apenas após a computação sintática.

O modelo que adoto para a arquitetura da gramática é o apresentado em (3) a seguir (cf. Harley & Noyer (2003)). O *input* para as operações sintáticas é um conjunto de feixes de traços capazes de compor objetos sintáticos. Apenas os itens substantivos vão dispor de informação fonológica nessa etapa da derivação. O sistema deve enviar a estrutura gerada pela sintaxe para os componentes lógico (LF) e fonológico (PF). No caminho para PF, ocorre o processo de inserção vocabular, no qual as informações

fonéticas correspondentes às categorias funcionais são inseridas na estrutura. Tanto o objeto resultante de PF como o de LF passa pelo crivo da interface conceptual, que atribui ao conteúdo desses componentes um significado. Diferentemente do que se assume em propostas lexicalistas, é apenas na interface conceptual que um determinado elemento é interpretado, por exemplo, como *agente*, *paciente* ou *tema*, a depender, dentre outros fatores, da configuração estrutural em que o mesmo se encontra. A interpretação fornecida pela interface conceptual deve então ser confrontada com o conhecimento de mundo do falante/ouvinte, presente na Enciclopédia. Assim, uma frase como *o bolo comeu a menina* deve causar estranhamento não por ter violado algum princípio do componente sintático, mas por levar o componente conceptual a interpretar *o bolo* como agente e *a menina* como tema/paciente, atribuições que, por razões óbvias, não condizem com informações da Enciclopédia.



Retornando às frases em (1)-(2), a proposta ora defendida é a de que, embora a sintaxe gere estruturas como em (1a) e (2a), a interface conceptual “encontra dificuldades” para interpretar sua configuração, num sentido que iremos precisar.

2. A derivação de construções possessivas

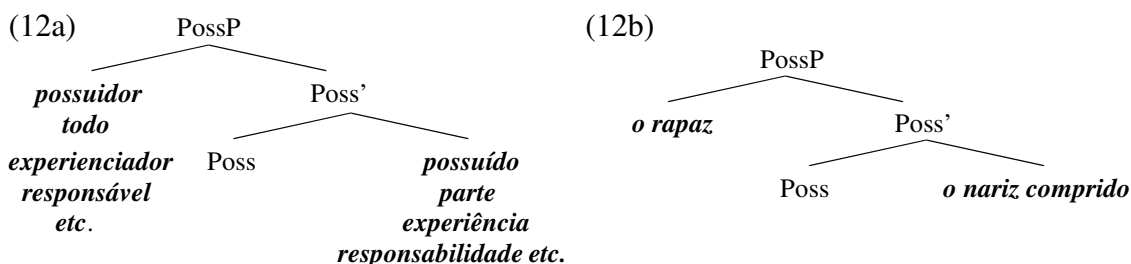
As restrições observadas em (1a)-(2a) são uma singularidade das construções com *ter*. Sentenças com outros verbos transitivos, como em (4) a seguir, não causam estranhamento quando seu argumento interno co-ocorre com *dele/dela*.

- (4) a. A Ana_i viu/abraçou/enganou dois namorados dela_i.
 b. O Dr. Pedro_i medicou/internou/abandonou vários pacientes dele_i.

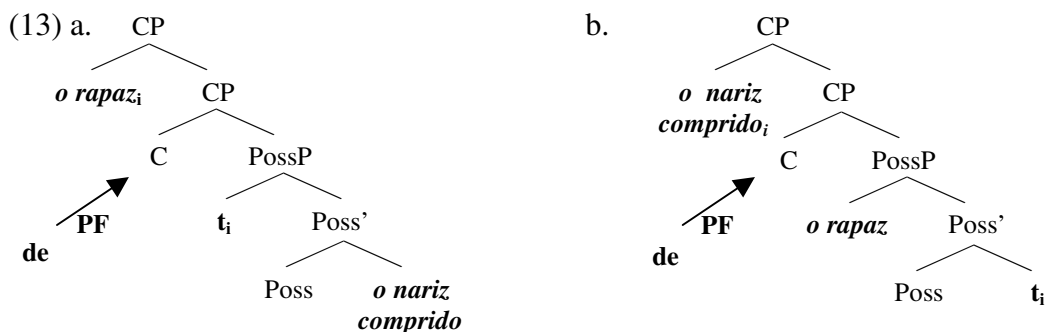
Em Avelar (2004), propus que parte das diferenças observadas entre as construções com *ter*-possessivo e os verbos transitivos em geral derivam de peculiaridades observadas na geração de uma sentença possessiva, que não estão presentes na formação de construções transitivas. Seguindo propostas como as de Kayne (1994) e Uriagereka (2002), assumi que sentenças possessivas derivam da mesma base que permite gerar DPs com interpretação possessiva. Dessa forma, a sentença em (11c) a seguir deve apresentar, em algum ponto de sua derivação, uma estrutura em comum com expressões nominais possessivas, como aquelas em (11a-b).

- (11) a. o rapaz do nariz comprido
 b. o nariz comprido do rapaz
 c. O rapaz tem o nariz comprido.

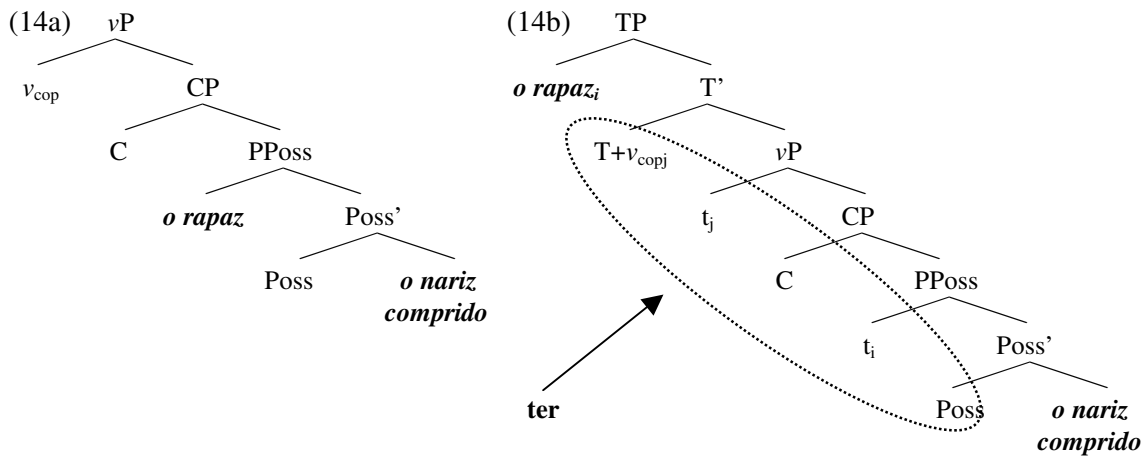
A estrutura das três construções deve contar com uma categoria abstrata Poss, que tem inicialmente instanciados em sua projeção os constituintes que serão interpretados como *possuidor* e *possuído* (ou outras funções semânticas afins), como indicado em (12a) (cf. Schoorlemer (1998)). Assim, para os dois constituintes nominais em (11a)-(11b) e a sentença possessiva em (11c), o possuidor e o possuído passam a integrar a estrutura como indicado em (12b).



A derivação prossegue com PossP sendo conectado a C(omplementizador), cujos traços formais devem ser substituídos pelas informações fonéticas correspondentes à preposição *de*. Tanto o elemento a ser interpretado como *possuidor* (*o rapaz*) como o interpretado como *possuído* (*o nariz comprido*) podem ser alçados para se adjungirem ao CP, como indicado em (13a-b), respectivamente (cf. a proposta de Kato & Nunes 1998).



Para gerar uma sentença possessiva, o sistema conecta a versão copulativa de *v* (v_{cop}) ao CP que abarca a projeção de Poss, como em (14a); a derivação prossegue com T se conectando ao vP , e o possuidor sendo movido para [Spec,TP]. No caminho para o componente fonológico, os traços correspondentes a *v*, C e Poss sofrem FUSION, nos termos de Halle & Marantz (1993). O complexo $v_{cop}+T+C+Poss$ é então substituído pelas informações fonéticas responsáveis pela realização de *ter*.



3. Restrições à identidade temática

Nas construções em (15a)-(18a) a seguir, a categoria Poss tem em seu especificador o nominal *o Dr. Pedro*, como indicado em (15b)-(18b). Quanto ao complemento de Poss, ocorrem objetos diferentes entre as estruturas: em (16b) e (18b), esse complemento é uma SC que tem como predicado o PP *com gripe* e, como sujeito, o DP *vários pacientes (dele)*; em (15b) e (17b), o complemento é apenas o DP.

- (15) a. O Dr. Pedro tem vários pacientes.
 b. [_{PossP} [_{DP} o Dr. Pedro] [_{Poss'} Poss [_{DP} vários pacientes]]]
- (16) a. O Dr. Pedro tem vários pacientes com gripe.
 b. [_{PossP} [_{DP} o Dr. Pedro] [_{Poss'} Poss [_{SC} vários pacientes com gripe]]]
- (17) a. # O Dr. Pedro tem vários pacientes dele.
 b. [_{PossP} [_{DP} o Dr. Pedro]_i] [_{Poss'} Poss [_{DP} vários pacientes dele_i]]]
- (18) a. O Dr. Pedro tem vários pacientes dele com gripe.
 b. [_{PossP} [_{DP} o Dr. Pedro]_i] [_{Poss'} Poss [_{SC} vários pacientes dele_i com gripe]]]

A derivação de (17a) e (18a) conta com duas instanciações de Poss: uma, em que *o Dr. Pedro* é inserido em Spec, e outra, em que *ele* aparece em tal posição. Esta segunda instância forma o constituinte *vários pacientes dele*, como em (19) abaixo. Em (17)-(18), portanto, uma projeção PossP deverá conter uma outra projeção PossP, ambas com elementos que remetem ao mesmo referente em suas posições de especificador (*o Dr. Pedro* e *ele*), como podemos observar em (20a-b) (com a seqüência sublinhada em (20b) tendo a mesma estruturação interna que (20a)).

- (19) [_{CP} [_{DP} vários pacientes]_i] [_{CP} de [_{PossP} ele [_{Poss'} Poss t_i]]]]]
- (20) a. [_{PossP} [_{DP} o Dr. Pedro]_j] [_{Poss'} **Poss** [_{CP} [_{DP} vários pacientes]_i] [_{CP} de [_{PossP} ele_j] [_{Poss'} **Poss** t_i]]]]]]]
- b. [_{PossP} [_{DP} o Dr. Pedro]_j] [_{Poss'} **Poss** [_{SC} [_{DP} vários pacientes dele]_j] [_{PP} com gripe]]]]]

Os esquemas a seguir podem ser empregados para representar os papéis atribuídos aos elementos nas posições de sujeito e complemento de Poss no componente conceptual, todos relativos, respectivamente, às construções em (15)-(18).

- (21)

o Dr. Pedro _i	tem	vários pacientes	de	ele _i	
responsável		responsabilidade			
- (22)

o Dr. Pedro	tem	vários pacientes com gripe			
experenciador		experiência			
- (23)

o Dr. Pedro _i	tem	vários pacientes	de	ele _i	
responsável		responsabilidade		responsável	
- (24)

o Dr. Pedro _i	tem	vários pacientes	de	ele _i	com gripe
		responsabilidade		responsável	
experenciador				experiência	

Em (15)/(21), a relação entre *o Dr. Pedro* e *vários pacientes* pode ser tachada como uma relação de **responsabilidade**, e não de **posse** propriamente dita. Assim, no componente conceptual, *o Dr. Pedro* deve ser interpretado como *responsável*, e *vários pacientes*, como *responsabilidade*. Diferentemente, em (16)/(22), *o Dr. Pedro* pode ser interpretado como um *experenciador* (*vários pacientes com gripe* é uma contingência sobre a qual, em princípio, ele não tem responsabilidade). A relação problemática é aquela em (17)/(23), que demonstra uma identidade entre os papéis de *o Dr. Pedro* e *ele*, com ambos sendo interpretados como *responsável*. Diferentemente, em (18)/(24), *o Dr. Pedro* e *ele* passam a ter funções diferenciadas (respectivamente, *experenciador* e *responsável*). Tomando outras construções, como aquelas em (25)-(26) abaixo, observamos que o estranhamento afeta as possessivas que exibem a mesma dinâmica de papéis apontada em (17)/(23): o elemento na posição de sujeito de *ter* e a forma pronominal recebem a mesma interpretação. Tais fatos sugerem que, embora o componente sintático gere tais construções, o componente conceptual as rejeita, provavelmente por questões de “redundância semântica”.

- (25) a. # A Ana_i tinha uma filha dela_i.
b. A Ana_i tinha uma filha dela_i estudando num colégio interno.
- (26) a. # O Lula_i tem muitos ministros dele_i.
b. O Lula_i tem muitos ministros dele_i contrários às ações do MST.

As construções em (27) corroboram a idéia de que a redundância semântica é rejeitada pelo componente conceptual. Não é possível fornecer qualquer justificativa de base sintática para explicar o estranhamento causado por tais construções. O problema reside na repetição de papéis semânticos na oração relativa (devido, obviamente, pela repetição de um mesmo estado de coisas) para os mesmos referentes indicados na oração principal.

- (27) a. * Todos conhecem aquela mulher_i que ec_i é conhecida por todos.
b. * O Pedro_i ama uma mulher_i que ec_i é amada por ele_i.

Uma posição que se poderia tomar com relação ao licenciamento de *dele/dela* seria assumir a necessidade de o complemento da instância mais baixa de Poss ser uma SC. Se observarmos as construções em (18)/(24) e em (1b), que apresentam casos de licenciamento da forma pronominal, vamos notar que, de fato, o complemento do Poss com a expressão referencial em seu Spec ocorre como uma SC. Contudo, os casos que seguem mostram não ser necessário o elemento interpretado como possuído estar associado a uma SC.

- (28) Na minha casa, ninguém usa a toalha de ninguém: *a minha mãe_i tem a toalha dela_i, o Pedro_j tem a toalha dele_j, a Aline_k também tem a toalha dela_k...*
- (29) Não é preciso recorrer ao Senado para resolver os problemas do Executivo, porque *o Lula_i já tem os ministros dele_i.*

Em ambos os casos, não há qualquer SC dentro do predicado possessivo ao qual o argumento interno de *ter* esteja associado. Novamente, a condição requerida para o licenciamento do pronome é a de que o constituinte na posição de sujeito e a forma pronominal recebam funções semânticas diversas. Em (28), *ele/ela* devem ser tratados como *possuidores*, enquanto o elemento na posição de sujeito de *ter*, como *usuários/responsáveis* (notemos que, no contexto em questão, o possuidor de algo poderia não ser necessariamente o usuário desse algo); em (29), o pronome *ele* deve ser interpretado como *possuidor/responsável*, enquanto *o Lula*, na posição de sujeito, como um *agente* (alguém que não precisa *agir* sobre o senado, mas sobre os seus ministros).

Em síntese, o bloqueio à forma *dele/dela* nas construções em questão é de responsabilidade do componente conceptual, e não da computação sintática. Não existe qualquer violação de princípios de base sintática com a inserção do pronome junto ao argumento interno de *ter*. Sua interpretação, contudo, está condicionada a um requerimento de *não-redundância semântica*: a forma pronominal deve dispor de uma função semântica diversa à atribuída para o elemento na posição de sujeito de *ter*, com o qual estabelece uma relação de co-referência.

Referências

- AVELAR, Juanito. Dinâmicas morfossintáticas com ‘ter’, ‘ser’ e ‘estar’ em português brasileiro. 2004. 256 f. Dissertação. (Mestrado em Linguística. Área de concentração: Teoria da Gramática) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- CHOMSKY, Noam. *The minimalist program*. Cambridge: MIT Press, 1995.
- EMBICK, David. & NOYER, Rolf. *Distributed Morphology and the syntax/morphology interface*. 1996. Disponível em <http://www.ling.upenn.edu/~embick/home.html>. Acesso em 17/08/2004.
- HALLE, Morris & MARANTZ, Alec. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: HALE, Ken & KEYSER, Jay. *The View from Building 20*. Cambridge: MIT Press, 1993.
- HARLEY, Harley & NOYER, Rolf. Distributed Morphology. In: CHENG, Lisa & SYBESMA, Rint (orgs.). *The second Glot International*. Mouton de Gruyter, 2003.
- KATO, Mary & NUNES, Jairo. *Adjunction configurations and structural ambiguity*. 1998. (impresso)
- KAYNE, Richard. *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge: The MIT Press, 1994.
- SCHOORLEMMER, Maaike. Possessors, articles and definiteness. In: ALEXIADOU, Artemis & WILDER, Chris. *Possessors, predicates and movement in the determiner phrase*. Linguistic Today / John Benjamins Publishing Company, 1998.
- URIAGEREKA, Juan. From being to having. In: URIAGEREKA, Juan. *Derivations*. London/New York: Routledge. 2002.